

**Vanderci Moraes Leite**

**Filosofia no ensino médio, o que ensinar e como ensinar?**

**Trabalhando e adaptando conceitos e sala de aula.**

*“Como o uso de conceitos em sala de aula podem ajudar os estudantes de ensino médio a desenvolverem aptidões para formular um pensamento concreto?”*

**Curitiba**

**Maió/2015**

**Vanderci Moraes leite**

**Filosofia no ensino médio, o que ensinar e como ensinar?**

**Trabalhando e adaptando conceitos e sala de aula.**

*“Como o uso de conceitos em sala de aula podem ajudar os estudantes de ensino médio a desenvolverem aptidões para formular um pensamento concreto?”*

Projeto de pesquisa apresentado ao programa de pós-graduação em especialização em ensino de filosofia no ensino médio da Universidade Federal do Paraná UFPR/ Universidade Aberta do Brasil UAB. Como requisito parcial para a realização da monografia para conclusão do curso de especialização

Orientador Paulo Vieira

**Curitiba**

**Maiio/2015**

## Resumo

A grande dificuldade encontrada nos dias atuais pelos professores e professoras da educação básica, é tamanha, que se tem buscado alternativas para sala de aula onde se consiga cativar a atenção dos educandos. Pesquisas realizadas no âmbito da educação vêm procurando novos meios de se alcançar os alunos de hoje, a partir de estudos realizados por Silvio Gallo, segundo as concepções de Deleuze, Nietzsche e Kant. Pretende-se demonstrar aqui uma alternativa para se trabalhar filosofia a partir daquilo que é próprio da filosofia, ou seja, a partir da concepção, da criação, ou mesmo do deslocamento de conceitos. Ao se trabalhar conceitos em sala de aula pretende-se despertar nos educandos o interesse não só pelas aulas de filosofia, mas também pela vida cotidiana, tanto nas escolas quanto fora dela. A ideia de desenvolver nos alunos a aptidão para criar conceitos não é nova, porém é o melhor caminho que se apresenta no momento: alguém capaz de, por si só ou por intermédio da filosofia, criar ou mesmo adaptar um conceito pré-existente é um cidadão capaz de formular um pensamento concreto e sair do mero jogo de opiniões reinante na sociedade atual.

**Palavras chaves:** Filosofia, educação, conceitos ou conceituação, opinião, pensamento concreto.

## Abstrat

The great difficulty encountered today, teachers and teachers of basic education, is such that it is considering alternative classroom where they can capture the attention of students, research carried out in education see looking for new ways to reach today's students, from studies by Silvio Gallo, with the concepts of Deleuze, Nietzsche and Kant, demonstrate it is intended here an alternative to working philosophy from what's own philosophy, that is, from the design , creating, or even the reformulation of concepts. When working concepts in the classroom is intended to awaken in students the interest not only for philosophy classes, but also for everyday life, both in schools and outside it. The idea to develop in students the ability to create concepts is not new, but it is the best way that presents itself at the moment, a capable citizen, by itself or through the philosophy of creating or even adapt an existing concept is a citizen able to formulate a concrete thinking and out of mere opinalismo reigning in today's society.

Key words: philosophy, education, concepts or concept, opinion, concrete thinking.

## Sumário

- 1. INTRODUÇÃO**6
- 2. JUSTIFICATIVAS**9
- 3. UM ANÁLISE DAS DIVERSAS PESQUISAS REALIZADAS EM EDUCAÇÃO**10
  - 3.1 SILVIO GALLO E A PEDAGOGIA DOS CONCEITOS**15
- 4. COMO TRABALHAR E ADAPTAR CONCEITOS EM SALA DE AULA**21
- 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**26
- 6. REFERÊNCIAS PRINCIPAIS**28
  - 6.1 REFERÊNCIAS SECUNDÁRIAS**28

## 1. Introdução

As discussões sobre a metodologia e a didática do ensino de filosofia para o ensino médio não é novidade, mas ainda causam divergência no meio acadêmico, são muitas as dúvidas referentes à aplicabilidade da filosofia no ensino médio. Questões como: 'O que ensinar?'; 'Como ensinar?'; 'Para que ensinar?' são frequentes entre os professores de filosofia, sem falar na avaliação -- como ela deve ser realizada? O método tradicional consiste em uma avaliação light, mas o quão light uma avaliação pode ser? Além disso, essa diferenciação da avaliação é possível no ensino médio, não vai de encontro às normas da LDB?

Essas são apenas um exemplo de todas as dúvidas que podem surgir quanto à aplicação da disciplina de filosofia para o ensino médio. Mas, a maior questão a ser respondida, sem dúvida, é “qual a verdadeira função da filosofia?”. Desenvolver o espírito crítico, fazer perguntas, não aceitar as respostas prontas, mostrar os caminhos, tudo isso pode e deve ser adotado no ensino de filosofia. Mas qual a melhor forma de fazer isso? Alguns diriam que a partir da leitura de textos ou fragmentos de textos filosóficos, outros diriam que a saída ou o caminho a seguir seria o da história da filosofia. Todavia em tempos modernos, nos quais a velocidade de comunicação supera a própria velocidade da educação, seriam mesmo esses os melhores caminhos?

Nesse artigo pretende-se apontar alguns caminhos alternativos e sugerir alguns rumos a esses questionamentos. Não se pretende, aqui, dar uma receita pronta de como ensinar filosofia, visto que isso não seria possível devido as grandes interferências que podem ocorrer em sala de aula, pretende-se *nortear* as discussões sobre o tema e apontar uma alternativa que economize certas dificuldades típicas da aplicação da disciplina ao ensino médio.

Para começar propõe-se a responder a seguinte pergunta, “como o uso de conceitos em sala de aula podem ajudar os estudantes de ensino médio a desenvolverem aptidões para formular um pensamento concreto”? Para isso é preciso primeiramente fazer um levantamento dos filósofos que já se debruçaram sobre o assunto, fazendo leituras e releituras de autores como Nietzsche, Silvio Gallo, Kant, Deleuze, fazer um levantamento de sites, vídeos e textos filosóficos e mesmo não filosóficos que possam ser trabalhados em sala de aula, fazer um levantamento de conceitos filosóficos como: belo, sublime, certo e errado, bom ou mal, verdade ou mentira, mito, direitos, entre tantos outros, e a partir destes dados proporem uma adaptação para o trabalho em sala de aula.

Como diria Deleuze todo conceito tem uma história, e ao se incentivar os alunos a trabalharem a partir dos conceitos também os está incentivando a trabalhar com a história da filosofia, de uma forma geral. Deleuze complementa sua tese afirmando que “dizemos de qualquer conceito, que ele sempre tem uma história, embora a história se desdobre em ziguezague, embora cruze talvez outros problemas ou outros planos diferentes.” Isso significa dizer que, um conceito pode conter traços de outros conceitos, de outros temas e também de diversos autores (filósofos), por isso ao se estudar a partir de conceitos é necessário incentivar o educando a buscar suas próprias definições, e a partir delas formular um pensamento concreto.

Deleuze nos diz ainda que os conceitos são ao mesmo tempo absolutos e relativos, são absolutos pela posição que ocupam, pelas condições que impõem a um problema, em fim são absolutos pois impõe uma determinação sobre um determinado problema, mas são relativos quanto aos seus próprios componentes e até mesmo quanto a outros conceitos, e é ser relativo que faz do trabalho com conceitos em sala de aula tão interessante, a capacidade de mudá-los e adaptá-los aos dias atuais torna os conceitos uma arma para o pensamento filosófico e uma ferramenta para construção do pensamento.

Mas o que é realmente um pensamento concreto, pode se definir algo como sendo um pensamento concreto? Para o pensamento, ser concreto significa pensar igual a todos, ter opinião, fazer juízo, ser crítico? Para tanto primeiramente deve-se definir uma forma de orientar-se pelo pensamento, o uso racional do pensar, extraíndo todos os conhecimentos comum, sobrando apenas o pensamento racional e comprovadamente concreto para servir de orientação de guina prático para aqueles que querem se tornar cidadãos do mundo.

Para Kant “A liberdade de pensar contrapõe-se, em primeiro lugar, à coação civil, ”, em outras palavras podem nos tirar tudo, a liberdade física, a liberdade de falar de escrever ou mesmo de ler, mas, nunca, a liberdade de pensar. Em segundo lugar opõe-se à pressão sobre a consciência moral. Em terceiro lugar a liberdade de pensamento diz respeito a fato de que a razão só submete as leis por ela mesma criada.

Neste sentido lidar com conceitos envolve incentivar os alunos a pensar por si mesmos, ou seja, procurar suas próprias perguntas e suas próprias respostas, formar um pensamento seu acerca de determinado assuntos, não ter uma mera opinião, mas ter consciência deste ou daquele assunto, e uma postura firmada em suas próprias descobertas.

Pretende-se demonstrar que se pode usar uma roupa nova sem estragar o conteúdo, ou seja, é possível incentivar o conhecimento de política através do estudo da política atual do nosso país, as diferenças de classes sociais, de gênero, entre tantos outros meios de segregação, e somente depois de inculcada a ideia de direito apresentar aos alunos fragmentos do texto de Aristóteles como “A política” ou Locke e o “segundo tratado sobre o governo.”

Em suma o que se quer realmente é trazer a filosofia para a sala de aula, é mostrar que é possível sim filosofar nos dias atuais sobre as mais variadas coisas, e é claro manter a trajetória dos grandes filósofos demonstrando que muitas das dúvidas e inquietações existentes nos dias atuais já foram debatidas por grandes pesquisadores da antiguidade e continua ainda tão viva quanto antes.

Contudo, a filosofia no ensino médio encontra grandes adversidades, para muitos a filosofia veio para resolver todos os problemas, do ensino médio, quando a formação cidadã do adolescente. Ledo engano. Outros acham que terminar sendo somente mais uma disciplina, outro engano. A filosofia não será a salvadora, mas também não será só mais uma disciplina, mas então qual a verdadeira função da filosofia, qual sua especificidade, onde e como ela pode ser diferente das demais disciplinas?

Eles, os alunos, entram no ensino médio, sem nunca terem tomado contato com qualquer pensador filosófico, muitos nunca ouviram falar de Platão ou Aristóteles. Nesse sentido, cabe ao professor de filosofia os desafiar a fazê-lo, ou seja, ao se trazer a filosofia para o ensino médio, é preciso primeiramente ter em mente que os estudantes estão despreparados, estão acostumados a ter todas às repostas, facilmente encontradas ao alcance de um clique. É aí que entra a proposta aqui apresentada, fazer desse clique, vários cliques diferentes, ampliando o leque de pesquisa, demonstrando que podemos fazer filosofia, ou filosofar, a partir da nossa realidade e buscar apoio naqueles que outrora já o fizeram em suas realidades.

Como metodologia para este trabalho em sala de aula, propõe-se o uso de mídias atuais, como vídeos, filmes ou trechos de filmes, clips, propagandas televisionadas, recortes de jornais ou revistas, incentivando primeiramente uma interpretação dos fatos apresentados e posteriormente uma análise crítica, ou filosófica do que eles viram, e só então apresentar aos alunos os grandes clássicos, para que eles possam a partir da realidade, na qual estão inseridos, ver que muito do que é pensado hoje é reflexo daquilo que filósofos, como Sócrates, Platão, e outros, já haviam pensando e discutido e divulgado em épocas passadas.

Para tanto é preciso primeiramente responder a algumas questões simples, ou talvez não tão simples assim. A primeira de delas é a de definir o que é ou o que não é filosofia. A Filosofia já foi dita ou pensada como arte da reflexão, do pensamento, da opinião, no entanto sabe-se que isso não é filosofia, pensar todos os seres humanos pensam, refletir sobre determinado assunto qualquer um pode, e ter opinião nem se fala, não é preciso ser filósofo para se realizar qualquer um desses feitos.

Mas o que é filosofia afinal? Para Deleuze filosofia é a arte de informar, de inventar e de fabricar conceitos. Porém não é somente isso, na filosofia os conceitos não são achados são criados, mas mesmo para ele, na filosofia os conceitos não surgem do nada, eles estão atrelados a um problema, e surgem para dar consistência a resposta de dado problema, não existe um céu para os conceitos, eles devem ser criados, e criar ou mesmo recriar os conceitos é função do filósofo mais precisamente é exclusividade da filosofia.

E é partindo desses temas como a criação de um conceito ou mesmo a recriação ou a adaptação de um conceito que a filosofia pode e deve ser trabalhada no ensino médio. Isso para tirar os alunos do plano da mera opinião – na atualidade é comum se ter opinião sobre tudo, porém é incomum que se aprofunde no tema e forme um pensamento concreto e firmado em verdades absolutas e não somente um mero conjunto de clichés divulgado pelas mídias.

Como já dito anteriormente ter opinião qualquer um pode, mas para formar um pensamento filosófico é preciso muito mais, é preciso ter tempo e disponibilidade para se aprofundar-se e a leitura dos clássicos filosóficos vai ajudar os educandos a firmar seus conhecimentos.

Não se pretende aqui banalizar a filosofia, mas, sim torna-la acessível a um maior número de cidadãos, ter conhecimento é um direito de todos, saber usar esse conhecimento é uma obrigação.

## **2. Justificativas**

Como professores do ensino fundamental e médio, percebe-se que é grande a dificuldade que se tem de prender a atenção dos alunos durante uma ou duas aulas, além disso é clara a grande dificuldade que os alunos têm em compreender certos temas ou palavras. A interpretação de texto é outro problema que a maioria dos estudantes tem. Pensando nisso a proposta aqui um apresentada como tema para o trabalho de pesquisa para a filosofia no



ensino médio, pretende trazer a filosofia para a linguagem dos jovens, não pretendendo vulgarizar a filosofia, de jeito nenhum, mas fazer uma filosofia que seja a cara dos adolescentes, incentivando o uso de vídeos, filmes, debates, e a leitura de textos, filosóficos ou não, com o intuito de instigar os alunos a desenvolverem suas capacidades intelectuais, ou seja, incentivando os alunos a procurarem suas próprias respostas para problemas cotidianos.

Todo professor sabe, ou já percebeu, que estamos dando aulas a alunos que não querem estar na sala de aula, portanto transformar a filosofia em mais uma aula decorativa não é e nem nunca será o ideal. Essa proposta é trazer a filosofia para mais perto da juventude, usando termos ou mídias conhecidas deles. Ao se discutir uma pergunta filosófica como a busca pela verdade, um texto como a dúvida metódica de Descartes é o ideal, mas um filme de ficção científica ou um comercial de margarina está mais para a realidade dos alunos. Portanto se começarmos a falar de verdades, mitos, podemos sim começar com algo mais local, mas palpável e só depois de compreendido o desafio é que se apresenta do texto filosófico, demonstrar aos jovens que mesmo um pensamento antigo, formulado em outro século, continua tão vivo hoje quanto foi na época.

A importância deste tema de pesquisa se dá no fato de que, nos dias atuais, com a juventude tendo acesso a todo material, seja ele didático ou não, e com a velocidade com que a informação nos alcança, há que tornar a escola um local prazeroso para os alunos. A filosofia pode em muito contribuir para isso, oferecendo uma aula na qual os alunos possam expressar suas inquietações, possam discutir e comparar experiências e, acima de tudo, possam ver que essas mesmas inquietações já foram apresentadas por alguém, mesmo que esse alguém seja um filósofo da antiguidade como Platão, Aristóteles, Pitágoras, entre tantos outros.

Esse trabalho pretende apresentar uma forma de ver a educação acima do método, mostrar que a aula não é uma cartilha a qual se segue a risca. Muitas vezes uma aula precisa sair do seu eixo para encontrar os alunos, ou seja, ao invés de falar, o professor possa ouvir. É através do incentivo ao estudo da filosofia, ou talvez devesse dizer o incentivo ao filosofar, é que nossos alunos possam realmente quer aprender, querer estar na escola.

### **3. Um análise das diversas pesquisas realizadas em educação**

A educação é em si e por si só, o objeto mais importante que o ser humano pode almejar a ter, ela é por assim dizer a salvadora do mero jogo das opiniões, que se instalou na

contemporaneidade, ou seja, é só através da educação que o indivíduo pode levantar vôo, pode fugir da opinião massificada e incorporar uma mentalidade própria, criar ou mesmo recriar seus próprios conceitos, não aceitando meias verdades.

Porém na atual conjectura da educação, na qual se visa educar para a cidadania, primeiramente se deve perguntar para *qual* cidadania? Que tido de cidadão se quer? Um cidadão pensante, capaz de decidir por si só o que é certo ou errado, o que é bom ou ruim, ou um cidadão controlado, um mero ser objeto sem uma opinião própria, que aceita a opinião dos outros, controlado pelo estado, pelo comércio, massificado na cultura moderna – a qual diz, sem dizer exatamente, que você é o que você consome, que as aparências são mais importantes que o saber.

Somente se decidir-se por ser um cidadão ativo, aquele que faz e age de acordo com seus conhecimentos é que terá sentido o ensino de filosofia, e é nesse cidadão que o ensino que filosofia no ensino médio deve focar, e é nesse desenvolver as capacidades cognitivas que o professor de filosofia deve estar atento, para tanto não basta apenas ser uma enciclopédia ambulante, repetindo saberes por outros criados, é preciso que o professor, e principalmente o professor de filosofia, seja um cientista, um criador, um inovador, ou seja, não basta ensinar tem que participar ativamente do processo de ensino.

Como já colocado por Deleuze um professor tem que ser um pouco artista, tem criar, brincar, pesquisar, em suas palavras *“Quando os professores-artistas, compõem, pintam, estudam, escrevem, pesquisam, ensinam, eles tem um único objetivos, desencadear devires.”* (2014. P.21 e-book). Ou seja, o professor-artista, não se torna um artista, mas incorpora um e com essa característica em mãos ele tem um único objetivo, o qual é o de promover mudanças, mudanças de comportamento, de pensamento, tirar os estudantes da passividade reinante e elevando eles ao patamar da conceptualização.

Porém na atual modernidade, onde tudo corrobora para uma sociedade de controle, como já dito anteriormente, onde a mídia controla o consumo, o governo controla o aprendizado, onde existem diversas formas de controle, tem se deparado uma nova forma de cidadão, mais precisamente com uma nova forma de juventude, aquela politizada na crença de que tudo pode ou que nada adianta fazer ou saber, pois nada vai mudar. (DELEUZE, 2014 P.16 EBOOK)

Nos séculos XX e XXI.... Um terceiro movimento surge. Surge como uma modalidade passiva, um momento coexistente aos demais e, talvez, com o qual se pode pensar numa das formas de evasão do individualismo, do voluntarismo, do ressentimento. (2014 p.16)

Na modalidade passiva, há um impessoal enclausurado pelo mercado capitalista, que acena com ele para um novo ideal de vida em progresso, uma subjetividade que embora dissipada e superficial, mantém sua inscrição no cansaço. (2014, p.17 e 17)  
A cultura somática da bioidentidade e da biossociabilidade, é produzida em um ambiente de indivíduos Não somente indivíduos e narcisistas como na grande reação de desconfiança, de insegurança e de insensibilidade. Predomina a sensação de que tudo é igual e nada vale a pena. (2012 p. 18 e 19)

Mas se nada vale a pena, como um mero professor de filosofia vai fazer a diferença? Sendo um artista, provocando seu público alvo com ações que chamem a atenção e despertem o espírito criativo, criando, ensinando e aprendendo com suas turmas. Para Deleuze “pode-se aprender a criar, mas deve-se criar para aprender”, neste sentido o professor deve ser criativo, como um ator ele tem que usar as emoções, as feições, os trejeitos, para chegar até seus alunos, um professor deve ser criativo, e estar sempre inovando o método de ensino-aprendizagem, ensinando também se aprende e vice-versa.

Nesse sentido pode-se também entender que é só criando ou mesmo recriando um conceito, um pensamento chave, é que os alunos iram apreender, o processo criativo é a fase mais importante da aprendizagem, e os estudantes na atualidade, não criam nada, só absorvem o que a mídia lhes apresenta. Formam mais um na massa passiva, e assim fazem parte do processo de dominação, são dominados pelas mídias, pelo estado, pela família, enfim, não têm um consenso formado. Aqui cabe ao professor de filosofia ensinar seus alunos a criar, e criando eles iram aprender, apreender a ver o mundo e a interpretá-lo sem se deixar levar pelo bombardeio de informação midiática.

Despertar na juventude o interesse pelo aprendizado, pelo conhecimento e acima de tudo despertar a ideia que de só com o conhecimento é que se podem mudar as coisas, é uma tarefa árdua na qual o empenho do professor de filosofia vai fazer a diferença, tirar da juventude a mera passividade e trazê-la à realidade do pensamento concreto. Aquele pensamento que na verdade não é só um pensamento, mas sim uma ferramenta, um instrumento com o qual o aluno pode construir algo, pode mudar algo, a formação ou a adaptação de um conceito, é um instrumento poderoso, com o qual a juventude pode ir em frente e aprender a valorizar sua própria existência.

Para Deleuze.

Saber alguma coisa só serve enquanto ferramenta para enfrentar aquilo que difere. Pensar, deparar-se com o caos e criar imagens para suportar atravessá-lo, é mais importante do que saber aquilo que, no avançar da vida deixamos para traz. .... O pensamento funciona como uma máquina de guerra. (Deleuze, 2014, pag. 17 EBOOK)

Pensar, criar um pensamento, estruturar uma ideia, criar um conceito, adaptar um conceito já existente, é sim uma forma que enfrentar as adversidades do mundo moderno, e é uma ferramenta poderosa para escapar do controle, da massificação, do consumismo, é uma ferramenta que se usada com sabedoria, pode dar ao sujeito a autonomia de sua vida, o controle do seu próprio caminho.

Os conceitos não são ideias a serem contempladas, reflexões transcendentais, ilustrações enciclopédicas, formas estáveis desenvolvidas pelo pensamento, são criados no devir de um plano de pensamento para resolver questões práticas que, mesmo na perspectiva metafísica, se constitui a partir de um problema que um território coloca. (Deleuze p. 19 E-book).

Sendo assim, os conceitos estão acima da mera formação de ideia, vão além das simples reflexões, eles são as ferramentas necessárias para enfrentar as dificuldades apresentadas pela vida moderna, onde não se tem mais espaço para o pensar, onde todos são manipulados pelo imediatismo das coisas. Os conceitos são a chave que pode abrir a porta para uma sociedade mais preparada, para aluno mais autônomo, mais criativo, em fim os conceitos são a resposta para a formação de cidadão com consciência própria, com autonomia para decidir e aplicar sua decisão.

É preciso muito mais que saber uma matéria, não basta apenas saber os conteúdos disciplinares, é preciso vivenciá-los, ou seja, não basta decorar, é preciso aprender, e aprender é vivenciar a aprendizagem, é levar aquilo que se aprendeu para a vida toda e aplicá-lo no cotidiano. De fato, se o que se quer é abrir os olhos e a mente dos alunos, e assim escapar a crença de que nada se pode fazer que o mundo é assim e pronto, deve-se primeiro ensinar a juventude a pensar, e acima de tudo, aplicar esse pensamento na vida.

Segundo Nietzsche “Uma história e um pensamento que não servem para engendrar a vida e impor um novo sentido às coisas só podem ser úteis, aos que querem manter a ordem estabelecida e o marasmo da vida cotidiana.” (NIETZSCHE, 2014. PG. 2 E-BOOK). Ou seja, de nada vale uma história ou mesmo um pensamento, se ele ou ela não servir para criar novas histórias, sendo assim de nada vale o que se aprende nas escolas se não servir para criar um novo futuro.

Em suma, compreende-se que para Nietzsche só tem utilidade aquilo que se aprende se tiver uma aplicabilidade, ao se ensinar algo o professor deve se perguntar também se aquilo vai dar aos seus alunos a oportunidade de criar algo novo, de reinventar algo ou mesmo de adaptar algo já existente as necessidades dos alunos.

É claro é preciso ressaltar aqui que Nietzsche não nega a importância da história, mas questiona sua aplicabilidade no cotidiano, o que ele quer não é apagar a história, ela é importante para a humanidade, ter conhecimento do passado é uma forma de aprimorar o presente e não cometer os mesmos erros no futuro. Mas é nesse sentido que Nietzsche questiona a historicidade usada nas escolas: até que ponto essa historicidade está a serviço da vida?

Sendo assim uma educação que se preze deve servir aos alunos como base para a vida, enfrentar o presente, e atuar de forma dinâmica no cotidiano, na comunidade em que se vive na escola, na família, na política. A história deve de estar a serviço do homem e só deve ser aplicada quando responder aos interesses da vida, ou seja, uma educação que se preze deve formar seres pensantes, e não seres obtusos que aceitam o cabresto e caminham sem olhar para os lados, uma educação que valha apenas aplicar é uma educação libertadora, como afirmado por Kant.

Segundo Kant o homem precisa de educação e sem a educação ele, o homem não seria verdadeiramente homem, ou seja, sem educação o homem não é nada, não tem força nem poder para mudar as coisas, sem educação não se pode argumentar. O argumento é a força da vontade humana, e saber argumentar com coerência, requer formar pensamentos correntes e não se deixar influenciar, por tanto a educação deveria ser o estandarte de toda nação. A educação na concepção de Kant contribui para o homem ser autônomo.

A autonomia aqui entendida como aquela que dá ao homem, ou melhor, ao ser humano, a oportunidade de criar seu próprio universo, onde ele possa, a partir de suas conjunturas ter sua própria opinião, mas não uma mera opinião, e sim uma que seja formada a partir do contexto educacional por ele adquirido.

E sendo o homem o único animal racional sobre a face da terra, somente a educação pode libertá-lo de suas amarras e transformá-lo. Então, a educação é o princípio o meio e o fim, sem ela o homem não evolui, para Kant que a educação é um instrumento para preservar a vida, que aponta os princípios morais, que forma ao cidadão, que liberta o homem de suas amarras, transforma de estado bruto em lapidado, sem controlá-lo. Só a educação pode compensar nos dias atuais, o bombardeio de opiniões, e transformar o pensamento da humanidade, ou seja a educação é a chave que abre a porta da inteligência e necessidade ser incentivada e praticada cotidianamente.

Pode-se compreender aqui a importância da educação na vida do ser humano, e uma educação deficiente, que não possibilite ao homem uma evolução, ou mesmo que não dê a ele a chance de criar algo novo, não tem valia nenhuma. Somente uma educação voltada a libertação, voltada a possibilidade de criação, de satisfazer o potencial de inteligência humana é que vai e pode tornar o homem um ser, não adaptado ao mundo, mas um ser capaz de mudar o mundo que o cerca.

### 3.1 Silvio Gallo e a pedagogia dos conceitos

Na medida em que filosofia é arte de formar de inventar e de fabricar conceitos e partindo da concepção do que é filosofia dado por Giles Deleuze e Félix Guattari em “O que é filosofia”, “conhecimento por puro conceito” GALLO (2012, P.15), Silvio Gallo propõe um ensino de filosofia para o ensino médio em uma pedagogia do conceito, propondo assim que a aula de filosofia seria um trato direto com os conceitos.

Na medida em que a aula de filosofia seria uma forma de criar ou recriar conceitos, uma constante atividade não bataria ao professor simples dar uma aula expositiva. GALLO:

Não basta ao professor dessa disciplina no ensino médio ser alguém que apresente os conceitos aos estudantes, mas é importante que ele seja uma espécie de mediador da relação direta de cada estudante com o conceito. (2012, p. 15).

Nesse sentido é preciso que o professor vá além de uma mera exposição, é preciso que este seja o incentivador do estudante dando a ele a oportunidade de recriar esses conceitos, adaptando-os as suas realidades, Gallo propõe que a aula de filosofia seja na verdade uma “*oficina de conceitos (2012 p.115)*”, onde estes sejam trabalhados, discutidos, transformados. Mesmo que a conceituação seja bastante difícil de ser atingida, ele insiste que esse é o melhor caminho para o ensino médio.

Na sociedade moderna, onde tudo está acelerado, e não se tem tempo para mais nada, incentivar os alunos a exercitar o pensamento é uma tarefa árdua e quase impossível, a filosofia não é só uma atividade de reflexão, de contemplação, ela vai além da mera opinião. A filosofia é uma atividade de criação de conceitos os quais permitem sim a contemplação, a reflexão, mas também instigam a comunicação. Portanto a filosofia é além da reflexão comunicação, a qual na sociedade moderna está se perdendo.

Existe sim muita comunicação, mas qual a utilidade da comunicação atual? Para que essa comunicação toda serve? Tem algum conteúdo? Na atual sociedade, conhecida como sociedade em rede, na qual as pessoas viajam na tela de um computador, conversam, ou se comunicam com o mundo todo, a instrução, a educação, o aprendizado, tem sido menosprezado, e tudo o que conta é a atitude passiva de quem aceita as opiniões estabelecidas. O mero estar presente nas redes sociais, tornou-se uma necessidade, e quem não o faz é considerado alienado.

No em tanto, está se perdendo o verdadeiro sentido da comunicação, que é o de comunicar, transmitir, ensinar algo, é preciso muito mais do que estar presente nas redes sociais, curtir ou não curtir um pagina, para que uma pessoa possa se tornar um ser pensante, e pensante no sentido de saber exatamente do que está falando e não simplesmente reproduzir o que outros dizem.

Vivemos numa sociedade onde impera a opinião por opinião, onde tudo está a ao alcance de um clique, ou seja, onde a velocidade é mais importante que a qualidade, nesse sentido o desafio ao professor de filosofia é imenso, é dele a responsabilidade de instigar os estudantes a pensarem, não um pensamento corriqueiro mais um pensamento concreto fundamentado e bem estruturado.

Pensando nisso Gallo coloca o pensamento como um exercício de paciência, e o trato com conceitos um empreendimento de paciência que, contudo, está fora dessa nossa realidade, principalmente fora da realidade dos alunos, os quais fazem de um todo ao mesmo tempo, e nesse espaço não sobra tempo para pensar. Nas palavras de GALLO:

Ora, sabemos que o pensamento é um exercício de paciência. Se o exercício de filosofar, o trato com o conceito, é um empreendimento de paciência, ele está fora do nosso tempo. .... Exercitar o filosofar em nossos dias é, pois, uma forma de resistir a essa aceleração, a essa fluidez, a essa falta de tempo para o conceito. (2012, p.23) .

Sendo assim ensinar a filosofia ou ensinar a filosofar, aos estudantes dos dias atuais, é uma forma de incentivar essa resistência a hipervelocidade dos novos tempos, procurando assim através da filosofia retirar os estudantes desse mundo de opiniões generalizadas e convida-los a reflexão pura em simples do pensar.

Seguindo por esse caminho, onde o desenvolvimento do pensamento é o ponto de partida para que os estudantes possam se libertar da opinião generalizada ele propõe que a filosofia no ensino médio seja uma presença viva, produtiva, criativa, como um ato de

militância, de resistência, uma filosofia como ferramenta essencial na luta pela sobrevivência no cotidiano. Propondo essa filosofia criativa, voltada para a conceituação dos problemas cotidianos, pode ser uma forma de resistência aos tempos modernos e demasiadamente acelerados.

Um ensino de filosofia vale pelos efeitos que pode produzir, ... no âmbito da educação maior, planejam-se para a filosofia: fazer de todos cidadão, mesmo que por cidadãos entenda-se os consumidores, .... Mas, por outro lado, uma filosofia criativa, voltada para os problemas vividos, visando equacioná-los conceitualmente, pode ser potencialmente revolucionária. Pode ser uma arma de produção da autonomia, mesmo no contexto de uma sociedade de controle. (2012, p30).

Na atual sociedade, onde os meios de comunicação são na verdade uma forma de controle, controle do consumo, controle da opinião, controle da autonomia, e até mesmo controle da educação, ensinar a filosofia, ou a filosofar é uma forma de resistir a esse controle, ao se tratar a filosofia a partir de conceitos, incentivando os alunos a buscarem as respostas e a resistirem ao mero opinismo generalizado, se está procurando incutir nos adolescentes uma nova forma de conhecimento, um conhecimento que vai além, que desperta a capacidade cognitiva do educando.

Nesse sentido ensinar filosofia é também incentivar a criatividade dos alunos, é despertar neles o interesse pelo conhecimento, não um conhecimento comum, mas um conhecimento científico, com bases sólidas, que possa desenvolver o intelecto e acima de tudo que liberte o jovem estudante das amarras da atual sociedade, um conhecimento que abram-lhes os olhos, e deem-lhes uma visão ampla e crítica da realidade.

Gallo defini a aula de filosofia no ensino médio da seguinte forma:

No que concerne ao trato com aulas de filosofia na educação média, penso que a pedagogia do conceito poderia estar articulada em torno de quatro momentos didáticos: uma etapa de sensibilização; uma etapa de problematização; uma etapa de investigação; e finalmente uma etapa de conceituação. (Gallo 2012, p. 95).

Para Gallo cada etapa exerce uma fase no alunos a primeira desperta o interesse, traz para o cotidiano dele o problema, a segunda chama a atenção para a solução do problema, desperta a vontade de saber a resposta à terceira fornece as ferramentas necessárias, a história da filosofia serve como base nessa fase, e à quarta concretiza o pensamento e constrói ou reconstrói um conceito para o problema

Para isso é preciso que o professor de filosofia tome certos cuidados ao ensinar, principalmente para não cair no mero debate, no qual cada um diz uma coisa e por fim encerra-se com a velha frase “eu penso e você pensa isso” e assim fica-se. O pensamento é



importante a forma com que se pensa também o *é*, mas *é* preciso se ter um consenso, um ponto em comum onde todos possam concordar.

Portanto ao se ensinar filosofia no ensino médio, *é* preciso partir de um problema filosófico, algo que esteja ligado ao cotidiano dos estudantes, mas que ao mesmo tempo também seja uma inquietação, uma dúvida na qual outrora um filósofo já pensou, já discutiu, dificilmente uma problema filosófico seja novo, seja inventado agora, provavelmente em alguma outra época alguém já se pegou tentando desvendar esse mesmo problema, e se, esse alguém conseguiu ou não, *é* irrelevante, o que realmente importa ao se tratar uma problema filosófico em sala de aula *é* levar aos educandos a refletirem sobre o tema, e debaterem qual a importância desse tema em seus cotidianos, na sua comunidade, na escola, na família.

Gilles Deleuze propõem “*criar, deslocar e quebrar conceitos*” (2012), se sentido o trato com conceitos em sala de aula deve dar aos alunos a oportunidade de eles mesmo refazerem um conceito o adaptando as necessidades atuais, e não simplesmente decorar e aceitar um texto como sendo único e verdadeiro, *é* preciso deixar o aluno livre para tirar suas próprias conclusões, como numa oficina de artesanato onde cada um cria sua própria escultura, assim deve ser a aula de filosofia.

Nesse ponto pode se concluir que Gallo e Deleuze concordam que o trato com os conceitos *é* a melhor forma de trabalhar filosofia, criando, deslocando, quebrando e remontando esses conceitos, ou mesmo formulando novos conceitos *é* que os alunos do ensino médio vão formar uma vida filosófica, a partir dos conceitos o educando deixar de ser uma mero observando e passa a interagir com o mundo, e como um pensamento quando transmitido *é* contagioso, e como prova disso está ai a mídia e contágia os jovens com pensamentos fúteis, um pensamento firmado em conceitos, firmado na historicidade, na verdade, pode vai contagiar a muitos.

Mesmo sendo o pensamento contagioso se vai se chegar a um conceito a partir da discussão desse tema, nem sempre *é* possível saber, e isso *é* que torna a filosofia uma incógnita, sabe-se onde começar, mas não pode-se saber aonde vamos chegar, o importante mesmo *é* retirar o aluno do ostracismo reinante, a mídia dita as regras do que podemos ou não saber, o conhecimento *é* a melhor e maior arma que se pode deixar para as futuras gerações, e a filosofia a única arma que pode tornar esse conhecimento verdadeiro.

Nas palavras de Silvio Gallo.

A onde isso nos levará? Não há como saber de antemão; o ensinar não está sujeito ao controle absoluto. Podemos planejar, fazer previsões, apontar caminhos. Mas, aonde efetivamente chegaremos, só saberemos na chegada, e justamente ai reside o prazer da aventura filosfica”. (Gallo 2012, p.33)

Por isso o ensino de filosofia não pode ser somente mais uma disciplina curricular, é preciso que esse ensino seja vivo e dinâmico, não basta como dito anteriormente, somente expor os temas, é preciso que o professor não seja aquele que só ensina, mas que seja ao mesmo tempo o ensinante e o aprendiz. Como diria Gallo os professores foram feitos para desaparecerem. GALLO:

Somos, professores, feitos para desaparecer, embora nosso narcisismo nem sempre nos permita tal ato de desprendimento. No caso da filosofia, mediamos à relação com os conceitos. Militantes contemporâneos de causa autônoma, nossa arma de luta são os conceitos, mas não os conceitos em si mesmo e sim os seus usos, os seus mecanismos de criação de apropriação, recriação. Mas só ensinamos de fato quando os alunos passam, eles próprios, a manejar os conceitos como ferramentas, independente de nossa supervisão. (2012, p.32)

Por tanto em uma de filosofia, não basta ao professor trazer a seus alunos uma aula decorativa, expositiva, é preciso inovar, ao se trabalhar com conceitos é possível tornar a sala de aula, uma ambiente vivo de criação e recriação, um local onde tanto o clássico, antigo e novo, moderno possam se relacionar entre si e entre os alunos, ou seja, é possível trabalhar conceitos a partir do convívio, do cotidiano, das inquietações da juventude, e se promover a partir dessas inquietações o exercício do pensar, conceituado e contextualizando esse conceito, adaptando as necessidades de cada aluno, e nesse contexto de uma aula viva, o professor deve ser apenas o mediador, e não o condutor do conhecimento, pois o conhecimento é vivo, e a resposta ou a adaptação ou mesmo a aceitação de cada conceito vai depender da capacidade de cada aluno de encontrar suas próprias respostas.

Entre o bom professor e o mau professor, os quais nada mais são do que meras cópias Deleuze valoriza o professor simulacro para ele estes são os únicos capazes de produzirem algo novo:

Esse devir simulacro de educadores-professores-pedagogos, pode ser chamado, também, de gaia da ciência, por que fornece ferramentas conceituas para pensar um devir-alegre, um devir-criador, um devir-artista, num plano educacional de imanência. No qual a aula brilhante que um professor, que por ventura, tenha dado hoje, não será comparada a nenhum modelo-de-aula, nem a outra aula dada por ele ou por seus colegas, tampouco terá sido ele um bom professor em comparação com um professor padrão, nem com outros professores; mas porque hoje, circunstancialmente e consegui formular algo novo para pensar, ele problematizou, com e diante dos alunos, o que até então não era considerado problemático por ninguém, ele fez os alunos a desaprenderem as besteiras-verdadeiras, que lhes tinha sido ensinadas, e que eles assimilaram, para, assim, poderem aprenderem algo que não fosse senso comum, nem opinião; ele consegui mostrar que a dificuldade de

pensar é algo de direito do pensamento, já que pensar não tem nada de inato, nem de re-cognação, nem se trata de responder as perguntas para as quais já existem resposta, nem de pensar a partir de postulados previamente definidos; mas pensar e criar e, portanto, trata-se de engendrar o pensamento no próprio pensamento. (Aquino; rego. Deluze pensa a educação, “a docência e a filosofia da diferença, 2014. p. 15,16)

Como em uma escola, têm-se diferentes turmas e em todas as turmas têm-se diferentes sujeitos participantes, cada aula é, ou pode ser diferente, nem sempre o mesmo conteúdo pode ser aplicado do mesmo jeito em todas as turmas, para isso compete ao professor de filosofia, primeiro conhecer as aptidões de cada turma, e adaptar a aula as necessidade de cada turma, nem que para isso seja preciso que ele, o professor tenha que se reinventar, e assim fazer parte do processo de aprendizado, ensinado e aprendendo ao mesmo tempo, vivendo a filosofia juntamente com seus alunos, e conduzindo o aprendizado mesmo que as conclusões dos educandos sejam contrarias as suas. Isso é ser mediador. GALLO

Disso podemos concluir que não necessariamente o que é ensinado é aprendido. A aprendizagem é um processo sobre o qual não se pode exercer absoluto controle. Podemos planejar, podemos executar tudo de acordo com o planejamento, ... Mas algo poderá fugir do nosso controle, ... Trazendo a luz algo insuspeitado inimaginável, e ai se encontra... A beleza do processo educativo. Uma aula pode funcionar muito bem em nossas cabeças, mas produzir situações em classe ou resultados nos alunos completamente distintos do projetados. (2012, p.46).

De acordo com Gallo, lança-se a semente sem saber o que ela produzira, ou mesmo se produzira alguma coisa, se o solo for fértil, ou seja, se o aluno for receptivo, pode gerar frutos, talvez não hoje, mas no futuro, e talvez o professor que lançou a semente nem tenha a oportunidade de vela florescer. Sendo assim o ensino de filosofia deve estar atrelada a emancipação do sujeito, deve ser libertador, deve tirar as vendas, soltar as amaras, e liberar o pensamento consciente, o ensino de filosofia de ser vivo, ativo, e estar em constante construção.

Se a filosofia é uma atividade de produção do pensamento, então sua metodologia de ensino, sua didática e sua avaliação, não podem e nem devem ser organizada de forma padronizada, principalmente por que cada sujeito participante da aula tem uma forma de raciocínio diferente, alguns mais lentos, outros mais rápidos, e cada sujeito deste vai expressar sua conformidade ou não com o que está sendo ensinado, em um tempo diferente, com palavras diferentes, portanto ensinar, aprender e avaliar a disciplina de filosofia de forma padronizada, ou objetiva seria praticamente impossível.

Para cada um existe um tempo diferente e é nesta diferença que o professor de filosofia deve focar, nem sempre um aluno que vai mal a uma prova é justamente aquele que não aprendeu, não assimilou o conhecimento, para isso existem outras formas de avaliação, como a participação em sala de aula, os textos produzidos, as leituras realizadas, os debates, as interpretações de um determinado filme ou vídeo, e assim por diante, em filosofia todos esses recursos podem e devem ser aplicados, de forma a efetivar o conhecimento e a produção de conceitos.

Para GALLO “o conceito é uma forma racional de equacionar um problema, ele nunca é dado de ante mão” (2012), ou seja, primeiro tem-se o problema depois cria-se o conceito, sendo assim a aula de filosofia deve sempre partir de um problema vivido, cotidiano, que seja relevante a todos ou a maioria, e a partir deste ponto equacionar, ou melhor avaliar, pondera sobre o determinado problema, e só posteriormente expressar a concordância, ou a adaptação ao conceito existente para determinado problema, ou mesmo criar um novo conceito.

Como já dito anteriormente a filosofia é uma atividade de criação, e numa sociedade moderna, onde a velocidade da informação e da comunicação está muito além da educação, incentivar os educandos a criarem, recriarem conceitos ou mesmo incentiva-los a parar para pensar, não um pensamento corriqueiro, isso se faz constantemente, mas um pensamento concreto com base tenha fundamentos é um grande desafio a ser superado nas escolas.

#### **4. Como trabalhar e adaptar conceitos em sala de aula**

Em tempos modernos, onde a velocidade da informação e da comunicação está muito à frente da educação, como ganhar a atenção de nossos alunos, que, diga-se de passagem, também não querem estar lá, na escola, pensando nesses termos trabalhar a filosofia como se fosse somente mais uma matéria, ou seja, trabalhar apenas usando o livro didático, ou somente os textos filosóficos, acabariam por criar somente mais uma matéria decorativa, no entanto, se aos invés disso, fizéssemos uma filosofia usando aquilo com que os alunos tem familiaridade, site da internet, vídeos, filmes, propagandas televisionadas, poderíamos talvez ganhar a atenção de jovens, que estão tão à frente de nós professores.

Muitas vezes ao se apresentar um texto clássico para alunos do ensino médio, que em sua maioria não gostam de ler, e que nunca tiveram contato com a filosofia antes, pode não se ter a resposta esperada, porém se o tema é abordado de forma mais atual, simples, mostrando

por exemplos uma propaganda, aquelas de margarina onde tudo é perfeito, incentivar os alunos através da comparação a comercial com a vida real, fica mais fácil incentivar eles a debaterem assuntos com a busca pela felicidade, incentivando o uso da dúvida metódica, o belo, o sublime, a arte, a política, tudo isso pode ser visto de outro prisma, é claro sem perder de vista os ensinamentos filosóficos dos grandes mestre.

Após apresentar aos alunos, esses temas de forma simples, torna possíveis entrar com um texto filosófico, e conseguir deles a compreensão esperada.

Quando Aristóteles falava aos seus discípulos, jovens de Atenas, ele sua uma linguagem a qual eles compreendiam que lhes era familiar, formal sim, mas de acordo com a época daquela juventude, hoje nossos jovens, não conhecem a maioria daquelas palavras, os termos da linguagem, assim como interatividade mudou muito, modernizou dizem, talvez não para melhor, mas é o que temos hoje, por tanto não seria possível fazer uma filosofia a partir de uma comunicação informal? Usando a linguagem a qual a juventude atual esteja familiarizada, usando as mídias que temos disponível? Seria possível filosofar assim?

No em tanto não se pretende aqui criar um método único de se ensinar filosofia, visto que, como já dito anteriormente, cada turma, cada aula, cada escola é diferente, e é preciso adaptar a cada um, conforme sua necessidade, o que torna ainda mais difícil, o trabalho em sala de aula.

Sendo assim Silvio Gallo ao se referir a Deleuze sustenta que não há método para aprender, que aprender foge aos métodos vai além daquilo que é ensino, criar um método é delimitar o que o educando deve aprender, e o que se pretende com a filosofia é justamente liberta o estudante das amarras, e dar a ele a oportunidade de criar suas próprias conclusões.

O Aprender é um mistério, fruto de encontros ao acaso. O aprendizado é da ordem dos acontecimentos, daquilo que não pode ser controlado, medido, circunscrito. (Gallo 2012. p. 88)

Se o aprendizado nos escapa por entre os dedos, e mesmo com todos os métodos não se pode controla-lo, se ele está além de nossas perspectivas, o que nos resta então?

O professor de filosofia, resta se apresentar diante de seus alunos, um igual, como aquele que não está ali somente para ensinar, como aquele que aponta o início do caminho, porém não o final dele, cabe ao professor de filosofia, guiar seus alunos na caminhada, mas aonde eles vão chegar cabe somente a eles mesmo, o aprendizado é individual e as lições que se tirar dos problemas vividos vai depender de cada um e de como cada um vê esses mesmos problemas, ou da pergunta problema formulada por cada um.

Para uma mesma pergunta problema pode-se encontrar diferentes respostas, isso vai depender do tempo histórico da facilidade com que cada um lida, com o problema e da aceitação do problema pelo indivíduo. E é por isso que o aprendizado não depende do professor e sim do aprendiz.

Assim como na vida, se aprende conforme as dificuldades se apresentam, na filosofia não o é diferente, Para Gallo *“Não se aprende a pensar imitando o outro – Mas inventando nossa própria maneira de se relacionar com os signos do pensamento.”*. (2012).

Sendo assim cada um é construtor do próprio aprendizado, um professor pode usar diferentes métodos, diferentes linguagens, atuais, antigas, modernas, avançadas, mas no final é a forma com que o aluno lida com a situação que vai determinar o que e quando ele aprende.

Pode-se concluir então que não se tem controle algum sobre o aprendizado, o que pode fazer é, pura e simplesmente, estar aberto a novas formas de trabalhar e a partir dessas formas alcançar a juventude e dar a eles a liberdade de pensar, e como dito anteriormente, não um pensar simplesmente por pensar, mas um pensar concreto com determinação e com amparo, no qual a opinião não tenha vez.

O trabalho com alunos do ensino médio através de *“pistas e coordenadas”* como disse Gallo, deve ser revisto a cada passo e adaptado a cada turma, uma aula nunca será igual em todas as turmas, visto que os sujeitos aprendentes também não o são, e que cada um tem seu tempo e sua hora de decolar no mundo do aprendizado.

O trabalho com conceitos é assim por dizer uma forma de incentivar os alunos, a procurarem eles mesmos as respostas aos problemas chaves do cotidiano, visto que só somos levados a pensar em algo quando somos obrigados pelas circunstâncias, ou seja só formulamos um pensamento sobre determinado assunto quando ele nos aflige.

Nos dias atuais, onde tudo acontece de modo muito rápido, todas as informações chegam ao mesmo tempo e muitas vezes incompletas, um convide a reflexão, um convide a filosofar é também um convide a dar um tempo, a fazer pit stop, e nesses segundinhos de parada procurar formular um pensamento concreto sobre os fatos da vida.

Nesse momento retoma-se a celebre frase de Descarte *“ cogito, ergo sum”*, ou seja, *“penso logo existo”*, é tão verdadeira quando na época de sua colocação, é claro que no ensino médio é muito improvável que consigamos, como queria Descarte, alcançar um conhecimento absoluto, irrefutável e inquestionável, mas pode-se sim alcançar um pensamento concreto que explica a capacidade humana de absorver tudo o que está a sua volta.

O ser humano é como uma taça vazia, pronto para se encher de conhecimento, e os adolescentes estão transbordando de conhecimento, mas quanto desses conhecimentos são úteis, quantos têm valor educativo, é aqui que a filosofia entra, é preciso esvaziar a taça, e preenche-la novamente somente com aquilo que realmente importa, e não se está falando aqui daquilo que importa ao professor, ou a escola, mas sim daquilo que importa para a formação dos jovens.

Por esses fatos, como o excesso de informação, o excesso de acesso às redes sociais, e também o excesso de velocidade dessas informações, que ao propor trabalhar filosofia no ensino médio a partir do trato com conceitos, está-se propondo um momento para reflexão, um momento em que os alunos, deixem a velocidade dos fatos de lado e se concentrem realmente no que os fatos dizem, e faça realmente como Descartes disse “cogito, ergo sum” Ou melhor “dubito, ergo cogito, ergo sum”.

Duvidar sim, é preciso duvidar, a aceitação de tudo é falsa, aquele que aceita tudo, não pensa, se não pensa, não se expressa, e se não se expressa não existe, um cidadão que não expõe suas ideias, que não cobra seus direitos, é um cidadão que não existe.

E a de se presumir que quando as diretrizes curriculares, expressam que a filosofia foi incluída no ensino médio com o objetivo de formar cidadãos, é esse cidadão que se quer um cidadão que pensa, que expressa, que existe.

E ao ver de Gallo esse cidadão só é possível quando ele mesmo passa a criar ou a recriar conceitos, por essa razão é tão importante em sala de aula como em uma oficina, o professor fornece as ferramentas (o conhecimento), fornece o material (a pergunta-problema) e os alunos concluem a escultura, (o Conceito), Como na arte a vida é modelada e a forma que ela vai ter depende dos protagonistas, no caso aqui os protagonistas são os estudantes do ensino médio, são eles que vão moldar a própria vida, aos professores cabe apenas indicar o caminho, ou melhor dizendo indicar a melhor ferramenta a ser usada, o que e como vai sair essa escultura no final somente o protagonista o sabe.

Gallo articula a aula de filosofia em quatro momentos didáticos à se eles: *A sensibilização, a problematização, a investigação, a conceitualização.* (2012). Para ele e a *sensibilização* é a etapa na qual tem que se chamar a atenção dos alunos para a pergunta-problema, não basta nessa etapa apenas apresentar o problema, ou seja não basta perguntar o que é isso ou aquilo, como por exemplo não basta perguntar o que é ética, ou qual o sentido da morte, para os alunos atuais isso não interessa, eles são alienados quanto aos problemas da

vida, por tanto nessa etapa é preciso que os alunos sintam na pele o problema, devem sentir como se o problema fosse com eles, com suas famílias, Gallo acredita que só assim vai-se despertar o interesse do alunado.

Nessa etapa ele sugere o uso de mídias atuais como filmes, desenhos animados, vídeos e outros recursos didáticos que sejam do interesse dos alunado.

Na segunda etapa *a problematização* o tema deve ser transformado para despertar o interesse dos alunos em buscar soluções, para tanto Gallo sugere a realização de discussões sobre o tema, propõem buscar uma visão diferenciada por ângulos diferentes do tema, e acima de tudo propõem a desconfiança, ou seja não aceitar a primeira resposta como certa.

Porém num mundo onde muitos adolescentes, sentem na pele todos os dias os descasos não só de terceiros mais dos próprios pais, e mesmo assim agem como se nada lhes interessa-se será que vão assimilar o problema pergunta como seu? Será que vão perguntar o que eu posso fazer a mudar isso? Ou vão simplesmente dizer isso não é problema meu. É claro que em uma turma onde se tem diferentes atores como já foi dito, alguns vão sim despertar o interesse pelo assunto, ai é que o professor tem que ser artista para aproveitar o interesse desses *alguns* e incluir a sala toda em torno desse interesse e torna-lo comum.

Somente depois de sensibilizar e problematizar o tema é que entra o que Gallo chama de *investigação* aqui ele propõem realmente uma investigação nos clássicos da filosofia, na história da filosofia propriamente dita, procurando entre os diferentes filósofos aqueles que já se debruçaram sobre o tema e assim procurar uma conceituação que sirva como ferramenta para solucionar ou melhor conceitualizar o problema apresentado. Apresentado assim aos alunos história da filosofia não como ponto crucial do currículo mas como uma ferramenta para pensar os nossos dias atuais.

Após essa investigação vem a quarta e última etapa a *conceituação* do problema, é claro que aqui Gallo destaca que o próprio ato de tirar um conceito do seu ambiente, no qual ele foi criado, e trazê-lo para os nos dias, é se está redefinindo esse conceito, pois ele já não será mais o mesmo, aqui porém tem que se tomar o cuidado para não simplesmente aceitar o conceito criado em outra época como único e verdadeiro para nossa época, é preciso incentivar os alunos a comparar as diferenças de culturas, diferenças de contextos, e tempos históricos no qual o conceito foi criado e só depois determinar se ele ainda se aplica, ou se é possível promover uma reestruturação deste conceito, ou mesmo criar um novo conceito, dentro é claro da pergunta problema criada no início da aula.



O interessante dessa aula de trato com os conceitos é que aqui nem mesmo o escritor da história sabe o final, escritor, personagens, e leitores, seguem um caminho que o resultado é incerto, mas ao mesmo tempo almejado, podem não se colher os frutos desejado no final do ano letivo, nem mesmo no ano seguinte, mas a semente planta vai germinar e a história aqui começada a ser escrita vai ser concluída em algum dia, em algum momento da vida, o que se aprende aqui, no ensino médio, vai ser aplicado, e assim tem sem a formulação de um pensamento concreto.

Pensar concretamente é pensar com ponderação, é fazer uma análise minuciosa dos detalhes, e não aceitar simplesmente os fatos como eles são apresentados, e é esse um dos objetivos proposto para o ensino médio, que os alunos saibam diferenciar o que é útil e o que inútil em uma informação, e consigam formular uma pergunta problema, para cada informação recebida, e assim consigam formular um conceito.

## **5. Considerações finais**

São inúmeras as dificuldades encontradas em sala de aula não só pelos professores de filosofia, como também pelos demais professores, o desinteresse dos alunos nas aulas é grande e tem crescido muito nos últimos anos, devido ao fato de que a educação, mais precisamente a escola não evolui e não acompanhou a era moderna, sem computadores, sem acesso à internet, limitados a um quadro negro e ao mero reproduzir de vídeos ou no máximo um filme, o professor fica preso e sem uma perspectiva de cativar seus alunos. Despertar o interesse desses alunos é um dos principais objetivos na escola atualmente.

Sendo assim não basta chegar em uma sala de aula do ensino médio, descrevendo a história da filosofia ou mesmo falando de Aristóteles, Platão, ou qual quer outro filosofo, que eles não vão se interessar é preciso primeiramente instigar esses alunos, ou seja, despertar o interesse deles, e uma boa forma de fazer isso é primeira mente falando a eles sobre o que é filosofia, mais precisamente o que ela não é, e desmitificar aquela ideia que a filosofia é a arte de pensar.

Nesses termos trabalhar a filosofia em sala de aula a partir do seu verdadeiro objetivo, daquele que é próprio da filosofia ou seja, trabalhando aquilo que a filosofia realmente faz criar conceitos, mas não simplesmente inventar um conceito cria-los a partir de um problema chave, um conceito é aquilo que, nos diz o que e como uma coisa é, ao se ter um pergunta

problema a filosofia, mais precisamente os filósofos, criam conceitos, e nos dias atuais fazer a análise desses conceitos em sala de aula, verificar sua aplicabilidade nos dias atuais, facilita a compreensão do aluno de mundo, e também dá a ele a oportunidade que esclarecer suas dúvidas, utilizando o que de mais precioso a filosofia tem, sua história, seus pensadores.

É nesse momento que como afirmado por Deleuze o professor de ser um artista, deve interpretar, pintar, decorar, e acima de tudo de incentivar seus alunos a fazerem o mesmo, deve pegar um conceito, esmiuçá-lo, fragmenta-lo e depois deve, juntamente com seus alunos monta-lo novamente, só assim trabalhando, na construção ou mesmo na reconstrução de conceitos é que o ensino de filosofia para o ensino médio terá seus objetivos atingidos. O próprio Deleuze diz que é só criando que se aprende, por tanto é criando um conceito ou mesmo adaptando um já existem é que os educandos iram aprender.

Os conceitos não são meras opiniões, são formas abstratas para a compreensão da vida, e sua interpretação pode e vai ajudar o aluno suportar as adversidades do mundo moderno e a se posicionar frente a um problema, que pode muitas vezes parecer insolúvel, de forma firme e coerente, tendo como pauta a lição de vida aprendida com os grandes filósofos da nossa história.

Para Silvio Gallo, somente um ensino de filosofia voltado a criação de conceitos pode atingir os objetivos do ensino médio, um filosofia criativa e dinâmica pratica em sala de aula que sirva para a vida toda. No em tanto é claro não basta que os conceitos sejam apresentados aos alunos, eles precisam trabalhados e moldados pelos estudantes, pra que assim ter sua aplicabilidade comprovada, nas próprias palavras de Gallo “uma oficina de conceitos” oficina esta que vai proporcionar aos alunos a oportunidade de ter acesso aos conhecimentos já adquiridos pela humanidade e de testar esses conhecimentos, moldando e adaptando eles a atualidade.

E é nessa “oficina de conceitos”, proposta por Gallo, que os alunos do ensino médio vão realizar aquilo que Deleuze concebeu como próprio da educação, “aprender a criar e criar para aprender”, ou seja, é trabalhando nos conceitos que os estudantes vão aprendendo e criando aos mesmo tempo, aprendendo a ser ativo e atuante no mundo e criando suas próprias trajetórias, saindo assim da mera opinião e entrando no mundo do pensamento concreto, conceituado e contextualizado na história.

## 6. Referências Principais

Gallo silva. “Metodologia do ensino de filosofia – Uma didática para o ensino médio”, editora papiros edição 1 2012.

Gallo, Sílvio Donizetti de Oliveira – Unicamp. “Afilosofia de Deleuze: Contribuições para pensar a educação”. Disponível em: [29reuniao.anped.org.br/trabalhos/minicursos/GT17-1699--Int.pdf](http://29reuniao.anped.org.br/trabalhos/minicursos/GT17-1699--Int.pdf) acessado em 04/06/2015

### 6.1 Referências secundárias

Aquino, Júlio Gropa, Rego, Teresa Cristina. “Nietzsche pensa e educação – Crítica à cultura”, editora segmento, coleção biblioteca do pensador. Edição 1 2014.

Aquino, Júlio Gropa, Rego Teresa Cristina. “Deleuze pensa à Educação – A docência e a filosofia da diferença”, editora Segmento, Coleção biblioteca do pensador. Edição 1 2014.

Ribeiro Sergio A, Zancanaro Lourenço. Educação para liberdade uma perspectiva Kantiana. Disponível em [www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/82/Art11.pdf](http://www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/82/Art11.pdf) acessado dia 04/06/2015.

Neukamp Elenilton. “As críticas do professor Nietzsche à educação de seu tempo” disponível em:

[http://www.academia.edu/6483656/AS\\_CR%C3%8DTICAS\\_DO\\_PROFESSOR\\_NIETZSCHE\\_%C3%80\\_EDUCA%C3%87%C3%83O\\_DE\\_SEU\\_TEMPO\\_Elenilton\\_Neukamp](http://www.academia.edu/6483656/AS_CR%C3%8DTICAS_DO_PROFESSOR_NIETZSCHE_%C3%80_EDUCA%C3%87%C3%83O_DE_SEU_TEMPO_Elenilton_Neukamp)  
acessado: em 04/06/2015

<http://www.filosofia.com.br/tv.php>

<http://fil.cfh.ufsc.br/textos-filosoficos/>

<http://www.citador.pt/textos/a/platao>

<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=3>